

# É preciso uma nova onda na educação brasileira



» MOZART NEVES RAMOS  
Titular da Cátedra Sérgio  
Henrique Ferreira do Instituto  
de Estudos Avançados – polo  
Ribeirão Preto da USP

de baixa mobilidade social se agravam quando fazemos o recorte social, evidenciando, mais uma vez, que o racismo estrutural impõe obstáculos adicionais àqueles que já partem de condições sociais mais vulneráveis. Ainda segundo ele, tais indicadores seriam ainda piores no Brasil sem a ampliação do acesso à escola e de programas como o Bolsa Família — com o que também concordo.

Tudo isso me fez lembrar a época em que iniciamos, há 20 anos, o movimento Todos pela Educação, com o propósito de mobilizar a sociedade em favor da causa da qualidade da educação. De lá para cá, evoluímos relativamente pouco, apesar do aumento de escolaridade dos brasileiros. A minha crença é que não basta apenas ampliar o acesso à escola se ela não preparar adequadamente as nossas crianças e os nossos jovens para o exercício da cidadania e para o mundo do trabalho, como apregoa o artigo 205 da Constituição Federal.

Tal crença tem como respaldo um estudo feito entre 1980 e 2010 comparando o aumento de renda por ano de escolaridade. Nesse estudo, ficou muito claro que a produtividade no Brasil não vem respondendo a aumentos de escolaridade. Enquanto no Chile, nosso vizinho, a população adulta teve um ganho de US\$ 3 mil por ano a mais de escolaridade nesse período, no Brasil o ganho foi de apenas US\$ 200. Na Coreia, de US\$ 6,8 mil!

Outros estudos mostram que há uma clara relação entre o aumento de escolaridade e o aumento do PIB per capita. Contudo, verificam-se dois movimentos nessa relação. Até oito anos de escolaridade, nota-se um crescimento suave no PIB per capita. Dos oito anos em diante, há um crescimento que poderíamos dizer exponencial; porém, há países em que, apesar disso, o PIB per

capita não cresce na velocidade esperada — ficando abaixo da curva de crescimento, diferentemente de outros que ficam muito acima — e são exatamente aqueles países que, entre outras coisas, oferecem à população uma educação de alta qualidade.

Isso posto, a pergunta que nos vem naturalmente é sobre o que chamamos de qualidade na educação. Para mim, é aquela que promove uma formação integral dos nossos estudantes, indo muito além dos aspectos meramente cognitivos. Isso se torna ainda mais relevante quando estamos — como agora, e como será ainda mais daqui para a frente — num ambiente disruptivo, no qual as mudanças estruturais não serão mais lineares, e sim exponenciais.

Por isso, entendo que ter acesso à escola é apenas o ponto de partida, mas não de chegada. O resultado de aumentar a escolaridade sem preparar adequadamente nossos estudantes para os novos ambientes do mundo do trabalho — especialmente agora, que estão fortemente influenciados pela inteligência artificial (IA) — é que a desigualdade social em nosso país só irá aumentar, e não vamos, portanto, romper com esse quadro de imobilidade social entre os mais pobres.

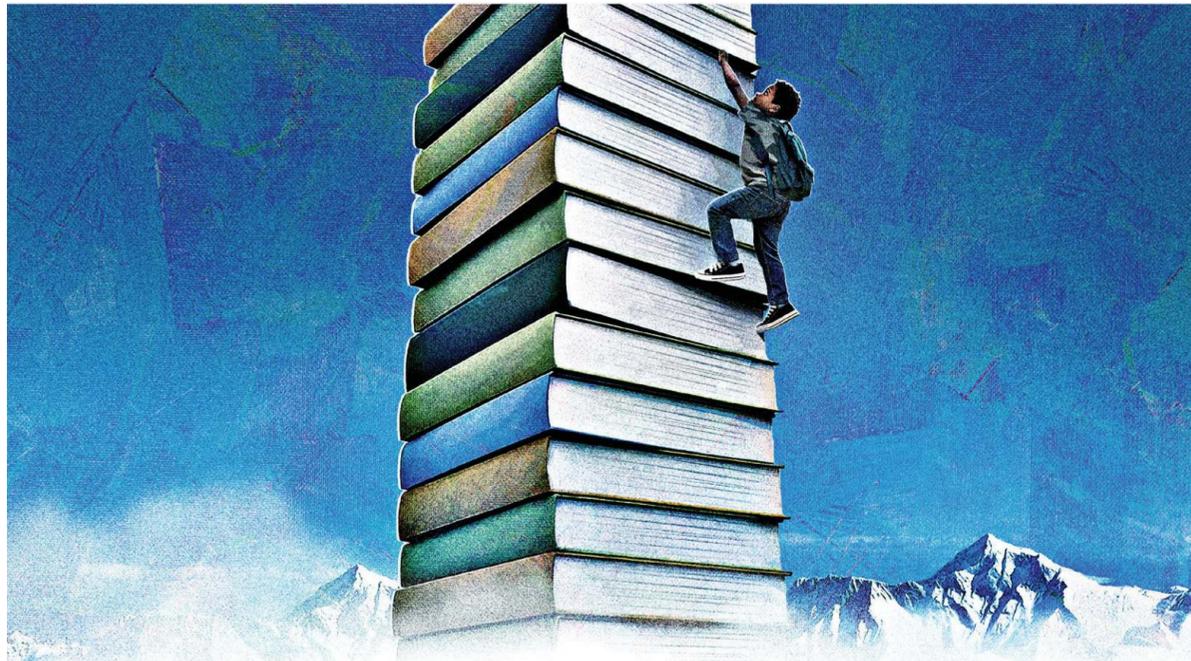
Apesar dos avanços sociais em nosso país, inclusive no campo da educação — e aqui não quero, de forma alguma, deixar de reconhecer isso —, para andarmos na velocidade do mundo contemporâneo, precisamos de uma nova onda, capaz de ir além do acesso à escola e dos programas como o Bolsa Família — e aqui não estou discordando do professor Ricardo Henriques, mas apenas tentando demonstrar que, sem uma nova onda, ficaremos ainda mais para trás em relação aos países mais desenvolvidos.

Este artigo foi inicialmente inspirado na matéria produzida pelo jornalista Fernando Canzian intitulada *Menos de 2% das crianças pobres no Brasil atingem a renda dos mais ricos*, publicada na *Folha de S.Paulo* de 5 de junho último. Essa matéria, por sua vez, teve como referência os dados do novo Atlas da Mobilidade Social do Instituto Mobilidade e Desenvolvimento Social (IMDS), plataforma de acompanhamento de políticas públicas com foco na ascensão social.

Nessa reportagem, impressiona a baixíssima mobilidade social do nosso país. Grosso modo, a tendência de quem é pobre é continuar pobre nas próximas gerações, pois a probabilidade de uma criança brasileira que faz parte da metade mais pobre ter ascensão social capaz de colocá-la entre os 10% mais ricos quando adulta é menor do que 2%. Como disse o jornalista, dois terços delas muito provavelmente permanecerão entre os 50% mais pobres na vida adulta, e apenas 10,8% subirão ao patamar dos 25% mais ricos.

Após tomar conhecimento dessa matéria, li no jornal *O Globo* o artigo *Imobilidade dos mais pobres: uma ameaça ao país*, do professor Ricardo Henriques — um dos grandes formuladores de políticas públicas em nosso país, também inspirado no mesmo Atlas. Segundo ele, os indicadores

Maurenilson Freire



## O primeiro duelo de narrativas políticas na era da IA: só o começo



» MARCELO SENISE  
Presidente do Instituto Brasileiro  
para a Regulamentação da  
Inteligência Artificial (Iria),  
sociólogo e marqueteiro político

Acabamos de testemunhar o primeiro grande duelo de narrativas políticas inteiramente forjado sob a lógica da inteligência artificial (IA) no Brasil — e o que presenciamos é apenas o prelúdio de uma nova era, muito mais profunda e preocupante, que está apenas começando.

Nas últimas semanas, o confronto entre PT e União Progressista foi amplificado e sofisticado por tecnologias que ultrapassam em muito a criatividade dos marqueteiros do passado. O palco já não é apenas o palanque tradicional ou o horário eleitoral: os algoritmos agora decidem, predizem e fabricam emoções, escolhendo quem sente o quê, quando e de que modo. O que está em jogo não é só a disputa por poder, mas o controle quase invisível dos sentimentos da população — e, consequentemente, de suas reações, votos e percepções.

Nesse embate, como eu vinha vociferando há meses, vimos a aplicação inédita da dupla IA preditiva e IA generativa. De um lado, a IA preditiva observa, pixel a pixel, dado a dado, as mínimas

variações no humor do eleitorado, antecipando reações, antecipando a maré das redes. Do outro, a IA generativa cria, em segundos, narrativas emocionais sob medida: vídeos, vozes, textos e imagens que não apenas provocam emoção, mas parecem surgir exatamente no instante em que o público mais está receptivo — ou vulnerável.

O PT soube extrair da IA generativa cenas de sofrimento que ganham força porque falam o idioma específico da sua base — o trabalhador que sofre com impostos, o pequeno comerciante angustiado pelas contas, a mãe preocupada com o futuro dos filhos. O roteiro é resultado de milhões de dados processados, não mais de um palpite de marqueteiro genial. Simultaneamente, e em resposta, o União Progressista usou exatamente os mesmos elementos gráficos e algoritmos para identificar as maiores dores da classe média e dos empreendedores, desenhando peças perfeitas para alimentar o medo do Estado inchado e a indignação pelo custo de vida.

Mas o que estamos testemunhando é apenas a superfície. A combinação das duas IAs cria um ciclo sinistro: a preditiva monitora e ajusta em tempo real, medindo o impacto de cada peça; a generativa lança novas mensagens, cada vez mais refinadas, segmentadas, impossíveis de serem ignoradas porque falam direto ao inconsciente coletivo. Não são apenas *deepfakes* ou textos falsos — é engenharia emocional. A cada clique, a cada deslizar de tela, a máquina aprende o que funciona e volta mais agressiva, mais certa.

O perigo é silencioso, mas gigantesco. O cidadão pensa estar exercendo sua vontade e senso crítico, mas, na verdade, reage a emoções fabricadas para ele. O debate político se reduz a gatilhos emocionais calculados. A polarização se intensifica: tudo que não reforça a própria “verdade” passa a ser descartado. A inteligência artificial começa a sequestrar até o direito de dúvida.

A democracia, nesse modelo, entra em xeque. Não apenas pelo risco de manipulação massiva, mas pelo empobrecimento do próprio diálogo público: os partidos, munidos de supermáquinas, deixam de disputar ideias e passam a competir por quem consegue manipular mais sentimentos em menos tempo. E o cidadão alimenta bolhas emocionais, convencido de que está mais informado, quando, na verdade, está apenas mais polarizado e previsível.

O primeiro grande embate digital pode ter passado, mas sua lição é clara: estamos apenas no prólogo de uma revolução. O que virá adiante será ainda mais preciso, mais invasivo e subliminar. Ou a sociedade reage — exigindo regulamentação, transparência e ética — ou corre o risco de se ver como mera peça em um jogo onde o algoritmo decide até mesmo aquilo que pensamos ser desejo ou opinião própria.

Não podemos mais nos dar ao luxo de ser espectadores. Precisamos entender o funcionamento dessas máquinas, pressionar por regras claras e educar para a nova era. Ou a democracia evolui junto da tecnologia, ou ficará à mercê dela.

Visto, lido e ouvido



Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

## Crônica de um espantalho bem alimentado

Diz-se que certas plantações prosperam mesmo em solos áridos, desde que bem irrigadas — mas há de se observar quem recebe a água. Em tempos de escassez, enquanto lavouras inteiras secam sob o sol impietoso, há sempre um espantalho no meio do campo, robusto e muito bem alimentado. Dizem que ele serve para proteger, mas há quem suspeite que sua fome é insaciável.

Setembro passou e, com ele, veio a notícia de mais um recorde de “colheita”. Os celeiros estatais encheram como nunca, e houve quem comemorasse o feito como uma epopeia fiscal. Foi dito que jamais se viu tanto grão arrecadado em tão curto tempo. Mas o agricultor comum, aquele que planta no braço e colhe no suor, não parece ter participado da festa.

Num campo em que a responsabilidade pela terra foi trocada por planos mirabolantes de fertilização ideológica, o que se planta hoje são ilusões e o que se colhe amanhã são déficits. A abundância nas mãos do espantalho não reflete, infelizmente, a fartura no prato do povo. E, quando a balança pesa para um lado só, a própria terra geme.

O curioso é que, mesmo com as cestas cheias de tributos, os armazéns nacionais continuam no vermelho. A explicação, segundo os que tudo sabem e nada explicam, seria o custo inevitável de manter o campo “em progresso”. O detalhe incômodo é que o progresso insiste em não chegar. Pelo contrário: o vento sopra mais frio, os insumos encarecem e o povo recorre a velhas técnicas de sobrevivência — como plantar em silêncio, negociar sem recibo e manter distância dos fiscais do espantalho.

Números bem projetados nunca mentem. Mas podem ser ignorados, distorcidos ou simplesmente ridicularizados. Afinal, já se tornou moda ajustar a lógica às crenças, e não o contrário. Por isso, quando o relógio econômico atrasa, dizem que é o tempo que está errado.

Enquanto isso, milhões de pequenos lavradores estão em dívida com o mercado, com o banco, com o vizinho — e até com o próprio guarda-roupa. A inadimplência atinge patamares tão vastos que, se fosse terra, seria um país. Sem crédito e sem chão firme, o consumo míngua, a produção trava e o país parece girar num moinho vazio.

Há rumores de que o próximo ciclo será ainda mais severo. Mas os homens da enxada, que há muito deixaram de acreditar em promessas de safra farta, já tratam de construir abrigo com o que têm. E cada vez mais gente prefere plantar fora do campo oficial, longe dos olhos sempre atentos e da mão sempre estendida do espantalho.

É verdade que todo sistema de cultivo precisa de regras. Mas quando o imposto sobre a semente é maior do que o valor da colheita, não é difícil entender por que tanta gente larga a terra. A competitividade evapora como orvalho ao meio-dia, e os frutos que sobram não encontram mercado que os valorize. O Brasil, um pomar de riquezas naturais, torna-se pálido diante da concorrência estrangeira — sufocado não por pragas, mas pela própria condução.

No fim dessa estrada poeirenta, a desigualdade brota como erva daninha. E onde há fome e desesperança, a violência cresce como mato entre os paralelepípedos. Não é magia, nem surpresa: é só a velha e previsível consequência do descuido com a terra, da ganância do espantalho e da crença cega de que números são ideológicos. A colheita foi farta — para alguns. Para os demais, restam as migalhas e o silêncio.

### A frase que foi pronunciada:

“A política é a arte de procurar problemas, encontrá-los em todo lugar, diagnosticá-los incorretamente e aplicar os remédios errados.”

Groucho Marx

### Digital

» Dessa vez, os parlamentares estão discutindo a lei que estende para todas as pessoas com deficiência a isenção do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) incidente sobre a aquisição de automóveis, com autoria do senador Romário e relatoria do senador Esperidião Amin. Enquanto isso, o senador Marcos Rogério indagou a razão de seu voto não ter sido contabilizado. O senador Omar Aziz apontou que era a digital o problema. Deve ter se desgastado um pouco, disse o senador Marcos Rogério olhando para o dedo.

### Delegados

» Antes da leitura de uma PEC, a então senadora Simone Tebet prometeu não tocar mais a campanha que interrompia os oradores. Havia muita gente desrespeitosa na sessão. Prontamente, o senador Esperidião Amin apontou para o Major Olímpio e o senador Alessandro. “Eles são delegados! Podem resolver!”. O senador Alessandro buscou mais um: “Contarato, também”. Delegado é o que não falta por aqui. Arrancaram risadas de um ambiente pesado.

### História de Brasília

O DAC cortou uma frequência da saída para São Paulo. É a linha mais barata (45% de desconto), que passará a ter somente três voos por semana. A Real, entretanto, com o mesmo equipamento, tem sete voos semanais. (Publicada em 5/5/1962)